



DISTRIBUIÇÃO E HÁBITOS ALIMENTARES DA LONTRA (*LONTRA LONGICAUDIS - CARNIVORA: MUSTELIDAE*) NA RPPN FAZENDA RIO DOS PILÕES (RESERVA DE IBIRAPITANGA - SANTA ISABEL - SP) - ANÁLISE PRELIMINAR.

Gilson Alves Bevilacqua

Álvaro Fernando de Almeida

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"- ESALQ/USP Departamento de Ciências Florestais Av. Pádua Dias, nº 11 Caixa Postal: 09 - Piracicaba/SP CEP: 13418 - 900 gilbevilacqua@usp.br

INTRODUÇÃO

A lontra neotropical (*Lontra longicaudis* - Olfers, 1818) é um mamífero pertencente à Ordem Carnivora, Família Mustelidae, de hábitos semi - aquáticos, preferencialmente crepusculares e noturnos, sendo mais comumente encontrado solitário ou fêmeas acompanhadas de filhotes. Costumam utilizar como abrigo cavidades já existentes nas margens dos cursos d'água, entre rochas ou a vegetação ripariana, mas também podem cavar os próprios abrigos; Utilizam arranhados, fezes e secreções odoríferas como demarcação de território e comunicação intraespecífica. (Blacher, 1992; Carvalho Jr., 2007).

Embora não se encontre entre as categorias ameaçadas na lista mais recente do IBAMA para o Brasil, a espécie se encontra nas listas específicas dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul. Para a IUCN (União Internacional para Conservação da Natureza) a mesma se encontra na categoria DD (Data Deficient), ou seja, admite - se que a espécie possivelmente esteja ameaçada, porém os dados sobre sua distribuição e ecologia ainda são insuficientes.

Nos últimos anos tem sido realizados trabalhos em diferentes pontos do Brasil sobre preferências de habitat e dieta da lontra, sem, contudo compor um quadro que aponte respostas definitivas sobre a ecologia da espécie (Carvalho Jr., 2007).

De outro lado, as áreas de proteção à natureza, no Brasil chamadas de Unidades de Conservação (UC), têm cumprido um papel fundamental na conservação da biodiversidade global (Primack & Rodrigues, 2001). Em nosso país, as RPPNs (Reservas Particulares do Patrimônio Natural) exercem importante função na conservação da natureza, complementando a rede de Parques, Reservas Biológicas, Estações Ecológicas e demais UC pertencentes ao Poder Público.

A Teoria Conservacionista, baseada no conceito biológico

de espécie, salienta que, se na visão atual dos especialistas, espécie é um conjunto de populações naturais, que se mantém e evolui através dos fluxos gênicos entre elas, então a conservação das espécies depende da proximidade destas populações, bem como de matrizes favoráveis que permita as trocas genéticas (Britez, 2001) (Cerqueira, 2003) (Morsello, 2003). Por este motivo, a criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural, em áreas rurais de todo o território nacional, junto às áreas de agricultura e pecuária, passou a ter enorme importância na proteção e conservação da biodiversidade (Mesquita, 2004).

O projeto urbanístico "Reserva Ibirapitanga" localiza - se na antiga Fazenda Rio dos Pilões, município de Santa Isabel, no corredor da Serra do Mar, porção noroeste da bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, Sub - Bacia do Rio Pilões. A fazenda possui uma área total de 2.156,509 hectares, na qual se encontra uma RPPN Federal, que é administrada pela própria Associação de Proprietários, representa 80% da área, com 1.725,2 hectares e se caracteriza por ser um significativo remanescente de área florestal. Esta UC foi reconhecida pela Portaria 084/1999, do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), como o nome de Reserva Natural do Patrimônio Natural Fazenda Rio dos Pilões.

OBJETIVOS

O presente trabalho pretende contribuir para o conhecimento da ecologia da lontra no Brasil e também atender ao Plano de Manejo da RPPN Fazenda Rio dos Pilões, no qual se pede especial atenção ao estudo e conservação da espécie na UC.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de Coleta

Inicialmente, foram realizados dois levantamentos na área da Reserva, nos meses de julho de 2006 e fevereiro de 2007, constando de visitas e consulta a materiais como mapas e fotos aéreas e de satélite, além de entrevistas com funcionários e moradores do entorno. Com base nestes levantamentos e na bibliografia previamente consultada, foi possível delimitar a área de coleta nos seguintes compartimentos:

- Área do lago e seus tributários (AL): Formada por um lago artificial e quatro pequenos braços com nascentes que contribuem para sua alimentação. Caracterizada por ser um ambiente lântico, com vegetação ciliar predominantemente arbustiva, águas turvas com grande variação de profundidade (de poucos centímetros a 7 metros), 1225 m de comprimento, cerca de 230 m de largura em seu ponto máximo e um perímetro total de aproximadamente 3500 m. Seu leito é predominantemente argiloso e arenoso e a área apresenta muito poucos locais apropriados para servir de abrigo para a espécie.

- Área do Rio Pilões: A rio Pilões corta a RPPN em um percurso total de cerca de 5,9 km. Durante este trajeto é possível notar uma significativa alteração nas características do curso d'água e do seu entorno. Dessa forma, foram identificados três diferentes trechos assim caracterizados:

- Trecho 1 (T1)-Trecho inicial, próximo às cabeceiras do rio. Aproximadamente 600 m de extensão. Caracterizado por apresentar vegetação ciliar predominantemente arbustiva, águas rasas (no máximo 50 cm de profundidade) e largura máxima de aproximadamente 3 m, com alto grau de transparência, velocidade da correnteza de baixa a média. Leito predominantemente rochoso e arenoso, quase sem locais apropriados para servir como abrigo para a espécie.

- Trecho 2 (T2)-Trecho intermediário do rio dentro da RPPN. Aproximadamente 750 m de extensão. Caracterizado por apresentar vegetação ciliar dominada por herbáceas e gramíneas (notadamente espécies exóticas invasoras como o lírio - do - brejo e o capim - navalha), águas turvas com profundidade entre 70 cm 180 cm, largura máxima de aproximadamente 5m, com correnteza entre média e alta. Leito oscilando entre argiloso e arenoso, com poucos locais apropriados para servir de abrigo para a espécie.

- Trecho 3 (T3)-Trecho principal do rio dentro da RPPN. Aproximadamente 4,55 km de extensão. Caracterizado por apresentar vegetação ciliar predominantemente arbustiva, águas turvas com profundidade entre 60 cm 190 cm, largura máxima de aproximadamente 8 m, com correnteza entre média a alta. Leito oscilando entre argiloso e arenoso, com muitos locais apropriados para servir de abrigo para a espécie.

Visitas à área de estudo para coleta de dados e material biológico tem sido realizadas desde junho de 2008, com periodicidade mensal e permanência de uma semana e vistoria de cada um dos compartimentos citados. A presença da lontra tem sido registrada através de vestígios como pegadas, fezes, marcas odoríferas e arranhados, além de eventuais visualizações e relatos de moradores e funcionários. As fezes encontradas são recolhidas para a análise da dieta.

Tratamento do Material biológico

As fezes recolhidas estão sendo acondicionadas em sacos plásticos individuais, com os devidos registros de data e local e são levadas à própria Base de Pesquisa da RPPN, onde

são lavadas em água corrente com peneira de malha fina (0,5 ou 1 mm) e secadas ao sol para posterior exame com auxílio de lupa estereoscópica na busca de evidências dos principais grupos passíveis de estarem presentes na dieta, tais como: cristalinos, otólitos, maxilas, dentes, vômeres, ossos e escamas para peixes, escamas e ossos para anfíbios e répteis, penas e ossos para aves, pêlos e dentes para mamíferos e restos de exoesqueleto no caso dos artrópodes. Os dados sobre os hábitos alimentares estão sendo trabalhados, inicialmente, em termos de frequência de ocorrência (FO%).

RESULTADOS

Até o presente momento, vestígios da presença da espécie foram encontrados em todos os compartimentos da área de estudo, sendo coletadas 52 amostras de fezes. A análise já conduzida aponta uma clara preferência alimentar para os peixes (81%) e crustáceos (62%). Foram encontradas apenas duas amostras contendo restos de aves e, diferentemente de outros trabalhos, não se registrou até o momento a predação de grupos como moluscos, insetos, répteis, anfíbios e mamíferos. Entre os peixes, as famílias predominante predadas foram Cichlidae (*Geophagus brasiliensis*), Characidae (*Astyanax* sp.), Erythrinidae (*Hoplias malabaricus*) e Sternopygidae (*Eigenmannia virescens*). No caso dos crustáceos a predação recaiu exclusivamente sobre *Dilocarcinus pagei*, um caranguejo de água doce. Tais dados parecem corroborar a posição defendida por Carvalho Jr. (2007), de que a lontra, apesar de possuir uma boa capacidade de se adaptar a condições ambientais diversas, possui sim uma clara característica de animal especialista no que se refere à seus hábitos alimentares.

Deve se ressaltar que as oito primeiras amostras fecais foram coletadas em um dos tributários do lago (AL), em uma mesma visita de reconhecimento da área, e que no período posterior não foi encontrado mais nenhum indício da lontra neste compartimento. No caso das demais amostras, 12 foram encontradas no primeiro trecho do rio (T1), uma no segundo trecho (T2) e as demais 29 no último trecho (T3). Há diferenças significativas quanto à presença e tipo de vegetação ciliar, largura, profundidade e substrato do leito, turbidez e velocidade da água entre os diferentes compartimentos em que o rio foi dividido para efeito deste estudo. Nota-se, por exemplo, que no trecho T2, que praticamente não apresenta vegetação ciliar arbustiva e locais citados como apropriados para a construção de abrigos pela espécie, foi encontrada apenas uma amostra fecal. Já o trecho T3, no qual foi encontrada a maioria das fezes e outros indícios, possui a área de mata ciliar mais bem conservada, além de grande quantidade de locais apropriados para a construção de abrigos, notadamente barrancos nas margens do rio. As características hidrológicas neste trecho também parecem estar mais adequadas ao que se conhece sobre as estratégias de caça da lontra.

Chama também a atenção o fato de não terem sido encontrados mais vestígios de ocupação pela lontra na área do lago após as primeiras coletadas na fase preliminar do estudo. Este período posterior coincide com a implantação de um sistema diuturno de vigilância motorizada e não motorizada próximo a esta área o que, acredita-se, pode ter sido

um fator de perturbação que tenha afugentado os animais para áreas menos antropizadas.

Merece destaque ainda o fato de não terem sido encontradas amostras fecais nas visitas realizadas nos meses de inverno, claramente demarcados por temperaturas muito baixas na região. Outras visitas ainda serão conduzidas nos próximos meses e espera-se, entre outras coisas, confirmar ou não este padrão para que se possa discutir as possíveis causas deste comportamento.

CONCLUSÃO

Os dados coletados até o momento permitem chegar a algumas conclusões preliminares: A forte preferência da lontra por peixes e crustáceos de um pequeno número de famílias parece indicar que a área de estudo oferece as presas mais apreciadas pela espécie em quantidades suficientes para que a população residente não tenha que aumentar em demasia a amplitude de seu nicho ecológico. A pequena quantidade de vestígios encontrados no total, levando-se em conta o esforço amostral realizado e outros trabalhos semelhantes consultados, parece indicar que a população de lontras na RPPN é pequena. Porém, a frequência e distribuição dos vestígios não deixam dúvidas sobre a importância da Reserva para a conservação da espécie na região. Assim sendo, é altamente recomendável um monitoramento constante desta população e que os dados de tal monitoramento sejam considerados aspectos quando da implantação de medidas que possam afetar estes animais, seja positivamente (como iniciativas de recomposição da mata ciliar ao longo do rio) ou negativamente (como a ampliação de atividades antrópicas como a já citada atividade de vigilância).

(Os autores agradecem à Associação de Proprietários da Reserva Ibirapitanga-APRI por todo o apoio dado para a realização do presente trabalho. Agradecemos também à Profa. Dra. Eleonore Zulnara Freire Setz e à Bióloga MSc. Marcela Conceição Nascimento, do Instituto de Biologia

da UNICAMP, pelas primeiras amostras fornecidas e pelo auxílio técnico na coleta e análise do material biológico.)

REFERÊNCIAS

- Blacher, C. A Lontra - Aspectos de sua Biologia, Ecologia e Conservação. Projeto Larus - Agecom / UFSC e IBAMA. Santa Catarina, 1992. 28pp.
- Britez, R. M. *et al.*, Manejo do Entorno. In: MMA. Fragmentação de Ecossistemas-Causas, Efeitos sobre a Biodiversidade e Recomendações de Políticas Públicas. Brasília: MMA, 2003. 508pp.
- Carvalho Júnior, O. No rastro da lontra brasileira. Florianópolis: Bernúncia, 2007. 112pp.
- Mesquita, C. A. B.; Vieira, M.C.W. 2004 RPPN-Reservas particulares do patrimônio natural da mata atlântica-São Paulo : Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. 56pp.; -(Caderno da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica : série conservação e áreas protegidas, 28)
- Morsello, C. Áreas protegidas públicas e privadas: seleção e manejo. São Paulo: Annablume FAPESP, 2001. 344p.
- Pardini, R. 1998. Feeding Ecology of the Neotropical River Otter *Lontra longicaudis* in an Atlantic Forest Stream, south - eastern Brazil. *Journal of Zoology*, 1998, 245: p. 385 - 391.
- Pardini, R.; Trajano, E. Use of shelters by the Neotropical river otter (*Lontra longicaudis*) in an Atlantic forest stream, Southeastern Brazil. *Journal Of Mammalogy*, 1999. 80(2): 600 - 610.
- Primack, R.B.; Rodrigues, E. Biologia da Conservação. Londrina: Ed. Vida, 2001. 328pp.
- Salgado, E. C. de O. 2000 O loteamento residencial fechado no quadro das transformações da metrópole de São Paulo. Dissertação - Programa de Pós - graduação em Estruturas Ambientais Urbanas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.